

TRÊS ODES DE HORÁCIO (1.1, 1.5 E 1.14)

(Tradução Beethoven Alvarez)

Publicadas em: Tradução poética de poesia latina: exercícios e práticas. In: SILVA, A.C. et alii (Orgs.). As fronteiras da Antiguidade Clássica... Rio de Janeiro: Metáfora, 2017, p. 318-331.

1.1

<i>Maecenas, atavis edite regibus, o et praesidium et dulce decus meum: sunt quos curriculo puluerem Olympicum collegisse iuuat, metaque feruidis euitata rotis palmaque nobilis</i>	5
<i>terrarum dominos euehit ad deos; hunc, si mobilium turba Quiritium certat tergeminis tollere honoribus; illum, si proprio condidit horreo quidquid de Libycis uerritur areis;</i>	10
<i>gaudentem patrios findere sarculo agros Attalicis condicionibus numquam demoueas, ut trabe Cypria Myrtoum pavidus nauta secet mare; luctantem Icaris fluctibus Africum mercator metuens otium et oppidi laudat rura sui, mox reficit rates quassas, indocilis pauperiem pati;</i>	15
<i>est qui nec ueteris pocula Massici nec partem solido demere de die spernit, nunc uiridi membra sub arbuto stratus, nunc ad aquae lene caput sacrae; multos castra iuuant et lituo tubae permixtus sonitus bellaque matribus detestata, manet sub Ioue frigido</i>	20
<i>uenator tenerae coniugis inmemor, seu uisa est catulis cerua fidelibus seu rupit teretes Marsus aper plagas. Me doctarum hederæ præmia frontium dis miscent superis, me gelidum menus Nympharumque leues cum Satyris chori secernunt populo, si neque tibus Euterpe cohibet nec Polyhymnia Lesboum refugit tendere barbiton.</i>	25
<i>quod si me lyricis uatibus inseres, sublimi feriam sidera uertice.</i>	30
	35

1.1

Mecenas, de real linhagem descendente,
oh! minha proteção, minha querida honra:
há alguns a quem o pó olímpico, nas corridas,
levantar os apraz — a meta com as rodas

em brasa ultrapassada —, e a palma da vitória, 5
como donos do mundo, os conduz entre os deuses;
a um, se a turba dos inconstantes cidadãos
disputa para alçar três vezes magistrado;
a outro, se armazenou no seu próprio celeiro
cada grão que varreu dos canteiros da Líbia; 10
quem se alegra em sulcar com arados os pátrios
campos, mesmo com o ouro ofertado do Rei Átalo,
nunca demoverás para em cíprio madeiro,
como pávido nauta, o Mirtoo singrar;
enquanto o Áfrico vento aspera as ondas de Ícaro, 15
temente, o mercador louva o repouso e os campos
da cidade natal, depois repara as naves
quebradas, não sujeito a sofrer da pobreza;
há quem nunca despreza um copo, um velho Mássico,
nem reservar à folga uma parte do dia 20
despreza, agora sob o verde medronheiro
deitado, agora em foz gentil de água sagrada;
a muitos lhes apraz o combate e da tuba, em
meio à corneta, os sons, e as guerras, pelas mãos
odiadas; mantém-se atento sob o frio 25
o caçador, da tenra esposa imemorado:
ou a corça pelos cães fiéis foi divisada,
ou o marso javali irrompeu as finas redes.
A mim coroas de hera – em fronte sábias, prêmios –
mesclam-me aos deuses do alto, a mim o bosque gélido 30
das Ninfas e os corais suaves com os Sátiros
separam-me do povo, acaso se nem das túbias
Euterpe se abster e se nem Poliímnia
rejeitar-se a tanger a cítara de Lesbos.
Porém se tu me incluis entre os Líricos vates, 35
tocarei com cabeça erguida as estrelas.

1.5

*Quis multa gracilis te puer in rosa
perfusus liquidis urget odoribus
grato, Pyrrha, sub antro?
cui flavam religas comam,*

*simplex munditiis? heu quotiens fidem 5
mutatosque deos flebit! ut áspera
nigris aequora ventis
emirabitur insolens,*

*qui nunc te fruitur credulus aurea,
qui semper vacuum, semper amabilem 10
sperat, nescius aurae*

fallacis. miseri, quibus

*intemptata nites! me tabula sacer
votiva paries indicat uvida
suspendisse potenti 15
vestimenta maris deo.*

1.5

Que jovem cheio de graça, em perfumes banhado,
deseja-te assim, Pirra, em mil rosas deitado,
numa doce gruta? Tu enfeixas
a quem tuas louras madeixas,

com singelo primor? Ah!... a crença em ti quanto 5
chorará e infieis os deuses. Com espanto
como admirará negros ventos
cresporem mares violentos,

quem te desfruta agora e crê no teu valor,
quem sempre teu dispor espera, sempre amor, 10
sem saber da brisa falaz.
Ah!... Tão infelizes aos quais

brilhas sem ser tocada. E as paredes sagradas,
numa placa votiva, indicam que, molhadas,
eu, ao deus dos mares potente 15
ali as vestes votei recente.

1.14

*O navis, referent in mare te novi
fluctus. o quid agis? fortiter occupa
portum. nonne vides ut
nudum remigio latus,*

*et malus celeri saucius Africo 5
antemnaque gemant ac sine funibus
vix durare carinae
possint imperiosius*

*aequor? non tibi sunt integra lintea,
non di, quos iterum pressa voces malo. 10
quamvis Pontica pinus,
silvae filia nobilis,*

*iactes et genus et nomen inutile:
nil pictis timidus navita puppibus*

<i>fidit. tu, nisi ventis debes ludibrium, cave.</i>	15
<i>nuper sollicitum quae mihi taedium, nunc desiderium curaque non levis, interfusa nitentis vites aequora Cycladas.</i>	20
1.14	
Novas ondas ao mar vão levar-te outra vez, ó nau! Que vais fazer? Toma sem tibiez este porto. Pois não vês tudo? dos remos o flanco desnudo?	
pelo África veloz o mastro ferido além? e as antenas gemendo? e que às quilhas também suportar é muito custoso, sem as cordas, o imperioso	5
mar? Íntegros não tens os linhos e nem mais os deuses justos são, a quem clamas por paz. Embora pôntica madeira, filha duma selva altaneira,	10
vanglorias-te da estirpe e nome assim em vão: sem coragem o nauta em proas pintadas não crê. Cuida-te para não seres senão dos ventos bel-prazeres.	15
Tu, que recentemente era a mim um penoso tédio e ora é saudade e desvelo zeloso, evita as águas confluentes das Cícladas resplandescentes.	20